

## **HISTÓRIAS DO FEMININO – CIRANDEIRAS LUNÁTICAS: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA, AUTORALIDADE, AUTORIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO.<sup>1</sup>**

Marizete Fonseca da Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (marizete@unifesspa.edu.br)

**Resumo:** Para tecer esse bordado, nos encontramos em um coletivo feminino convidado para contar histórias que enfatizem a energia e a força das mulheres através da nossa literatura, tão escassa nos lugares onde se pratica educação. Compusemos contos, imagens, desenhos, música, poesia, vídeo, fotografia. Gestamos nosso feminino que se quis e fez transgressor, cirandeiro e contador de histórias, como maneira de superar o silenciamento da voz feminina na cultura educacional dominante. Com a finalidade principal de afirmar e resgatar a escrita literária feminina na área da educação. Como caminho a ciranda se abriu! A gente cantou, dançou, pintou, literatura feminina. Um feminino sociopoeta em nós se compôs, ardido feito pimenta malagueta segue o cortejo!

**Palavras-Chave:** Literatura na Educação. Contadoras de histórias. Feminino cirandeiro.

### **Introdução**

Buscando o feminino em nós para prosseguir viagem, sigo minhas inquietações questionando que lugares não eram casa e escola e dizem o nosso feminino; A rua me vem como possibilidade, onde me faço outra, questionando os interditos à voz pública feminina em educação. Eu Marizete, Micinete, Calú, Ana Paula, Sillena e Tatiana<sup>2</sup> cultivamos o dialogar sobre o dizer feminino. Sobre nosso SER FÊMEA se constituindo. Os desejos que nos acompanhavam, o que nos impulsionava. Vivemos esse viço desenvolvendo um dispositivo itinerante de pesquisa, procurando ampliá-la para outros lugares além da casa e escola. Profundamente educativos e cotidianos, através da liberação da criatividade artística. Sabia que apenas a entrevista não revelaria o que desejava. Sentia fluir a necessidade de expansão da elaboração conceitual do trabalho de pesquisa.

Pensamos que a criatividade artística tocam esses núcleos inconscientes (...) Ao lado de núcleos, a imaginação existe sobre os regimes da pele, que a arte toca, ao libera-la da couraça acostumada, ao abrir canais pelo fluxos da história coletiva e pessoal (...) A sociopoética resgata o que foi silenciado, entupido, matado no passado. (Gauthier, 1999, pag, 54).

Minha intuição me dizia que precisaria de alguns desvios para que o momento fosse fértil de liberdade e possibilidades de viagem. Mas, como conseguiria praticar um tipo de pesquisa que acessasse esse feminino se estava pretendendo fazê-lo de dentro da academia, com sua estrutura

---

<sup>1</sup> Este é um resumo expandido da Tese de Doutorado no programa de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (2013), sob Orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Aydèe Petit. 259pg. ([www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7573](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7573)).

<sup>2</sup> Marizete Fonseca da Silva, Maria Micinete de Lima, Carmen Lucia Barbosa, Ana Paula Lacerda, Sil-lena Calderaro e Tatiana Mendes, são as seis participantes do dispositivo de pesquisa que em co-autoria constituíram o material necessário a elaboração da tese. A seleção das participantes ocorreu em um encontro realizado na ilha de Cotijuba\PA, em outubro de 2011, para o qual foram convidadas 50 mulheres que em algum momento estiveram presentes na vida da autora.

totalmente concebida por homens para homens da Europa? A sequela que se origina daí é tão profunda que muit@s ainda usam a palavra homem, humanismo, humano, e outras derivantes, para denominar nossa espécie supondo abranger as mulheres. É forte esse uso nas ciências. Muitas vezes as próprias mulheres fazem esse uso, demonstrando o quão se normalizou a invisibilização das mulheres.

Mesmo sem perceber, até aquelas personalidades – muitíssimas delas mulheres – muito engajadas em buscar a igualdade entre todos os sujeitos morais acabam consentindo e aceitando tacitamente – e inconscientemente? – mesmo que numa perspectiva simbólica, o dogma de que os homens são os seres humanos por excelência, o centro da humanidade, os únicos dignos de nomear a espécie *humana*. Desde a Idade Média, existe o vício de chamar a *humanidade* pelos seus representantes masculinos. (Robson de Souza, 2011: 01). (*grifo da autora*)

É preciso *desominizar* a palavra, o gênero. Perceber a perspectiva simbólica, questionar esse dogma de que os homens são os seres por excelência, o centro, os únicos dignos de nomear a espécie. Como acessar um feminino invisibilizado na literatura que nos chega, sendo que, a maior parte das publicações vem pelas mãos da colonialidade do saber patriarcal através de uma universidade fundada no século XIII? Pergunto: Quantas de nós teve acesso a uma escritora entre representantes da filosofia clássica? Seria um desafio contornar essa estrutura rígida e masculinizada e praticar um tipo de pesquisa em educação que cultivasse outros modos, que fluísse noutras direções. Como ter referentes que valorizem a minha origem ribeirinha e da floresta - lugares marcados pelo saber oral - numa universidade fundada em herança grega de Platão, delineada pela igreja católica na idade média que fez todo esse trabalho de invisibilização total das mulheres?

As mulheres foram, inicialmente, excluídas do ensino universitário, pois ao ser criada, por volta do século XIII, a universidade era voltada para a educação dos homens. Enquanto os homens estavam em escolas e posteriormente nas universidades, às mulheres foram proibidas de também terem acesso a essa forma de educação. (Natália, 2003, p. 01)

Como posso manifestar as referências da oralidade que não estão na mídia acadêmica e que formaram as cirandeiras durante a pesquisa, pertencentes às rodas populares por onde viajamos?

(...) Há algumas estruturas que legitimam a dominação exercida pelos homens sobre as mulheres e destaca entre elas a família, especialmente por seu caráter psicossocial; a igreja, pelo caráter misógino, estabelecido pela interpretação aristotélica e pelos textos sagrados que reforçam o patriarcalismo; pela escola, que embora laica, endossa pressupostos patriarcalistas; e pelo Estado, fundado sob um patriarcalismo público. (Débora Borba, 2010)

Logo de cara, sabia que essa herança patriarcal viria encontrar-me. Tod@s diziam: - há alguém no caminho a te esperar, Norma. Uma Mulher? Apesar do nome, Norma não era uma mulher. Como Norma não seria uma mulher? Não entendi de começo então resolvi encontrar e

conversar. Deparei-me com o que parecia ser um alguém de terno e gravata, branco, heterossexual, portava nas mãos carrancudas, o que seria necessário seguir para conceber um trabalho acadêmico-científico. Um volume de regras que chegavam a mim, muito mais para manter a invisibilidade deste feminino que pulsa em nosso corpo.

Tentei conversar com Norma. Conversa difícil porque o que me era apresentado, apenas castrava minha intuição sobre o delineamento desse dizer-fêmea. Norma argumentava: - Não quero cortar suas asas, seu estilo literário, mas não pode ser assim. Ousadia é salutar, fundamental. Mas, por quê você não usou as referências acadêmicas para aprofundar? Siga os padrões, use 'essas' fontes, não transborde a página, os centímetros permitidos, cite assim, tem que escrever tantas laudas, para garantir a comunicabilidade do texto tem que ser assim, assado. Pode isso, não pode aquilo, tudo ao gosto da tesura acadêmica. A cada vez que buscava entender Norma, mais sentia me afastar da expressividade da nossa voz.

Tinha consciência que uma tese é uma posição intelectual frente às exigências de Norma, mas comecei a achar que não conseguiria me soltar daí e fazer pública a posição intelectual que pronunciava nossa voz-fêmea. Norma se impunha sobre o nosso dizer, sobre nosso corpo. Tentava me conduzir pelas estradas permitidas e me instigava a não deixá-las em nenhum momento. Tinha certeza, entretanto que se me dobrasse aceitando o que me impunha, jamais encontraria nosso ser mulher.

Nossa autoria ficaria seriamente comprometida. Era preciso nos autorizar a produzir, a evidenciar nossa autoralidade em educação, esse seria o intento a partir daí. Produzir e alardear nossos direitos como autoras sobre nossas obras literárias.



Praticar cirandas lunaticamente verdadeiras nas Histórias contadas por nós: Derramamos sobre o papel nosso feminino incontido e sociopoeta em educação. Mas, que feminino? Me perguntarão. Um feminino entre cicatrizes e tatuagens, simples e diverso, que se move além da relação com o masculino (Mary Del Priori, 2010).

### **Cirandas Lunáticas para pesquisa-formação:**

Essa intuição que trazia no espírito me serviu como inspiração, alguns matizes da metáfora benjaminiana (Cesar Bernal, s/d), de que só é possível furar a pirâmide de poder, ultrapassar os limites prudentes da autoria, rompendo fronteiras, produzindo uma “massa líquida incandescente”, através da ‘fusão’ dos compartimentos conceituais e funcionais. Refuncionalizando técnicas, eliminando distâncias. Uma fusão que não deixa nada de fora.

“O direito de descrever esse mundo passa a fazer parte das qualificações exigidas para a execução do trabalho. O direito de exercer a profissão literária não mais se funda numa formação especializada (...) e com isso transforma-se em direito de todos. Em suma, é a literalização das condições de vida que resolve as antinomias de outra forma insuperáveis (...) (Walter Benjamin, 1985, p. 125)”

Dessa maneira, nos colocamos no centro de um grande processo de fusão de formas literárias, meio sem prescrição muitas oposições habituais foram se colocando nas resistências ao que quer que fosse que tentasse nos conter.

Parafraseando Bernal (s/d: 06) digo: todas, todas, são autoras! Sem impedimentos, sem interditos. Um protagonismo que vai acontecendo por meio da palavra pública. A palavra como meio de literalizar a própria experiência, repõe a mulher no lugar que lhe pertence.

Entretanto, posto o valor emancipatório e igualador da palavra, apresenta-se um desafio incontornável: o exercício do direito de se expressar, de procurar influenciar o rumo dos acontecimentos pela partilha da própria experiência, pressupõe a capacidade de fazê-lo. (pg.07)

Senti a rebeldia tomar-me. Acreditava em caminhos outros. Mas, sabia, não seria fácil burilar a regra. Somente a literalização de nossas experiências poderia nos dar essa mão. Teríamos que sair da via principal, seguir veredas paralelas, marginalizar a escrita, brincar com Norma. Sabia ser possível fazer literatura em educação, da mesma maneira que se fazem outras artes/ciências.

Esse é um sopro de nossa voz neste tempo. Um texto de pesquisa-formação onde fomos instigadas a certeza de que quando nos reunimos intencionalmente para pesquisar nos vamos formando simultaneamente – em *co-educação feminina*, uma vez que essa interação, produz, provoca, incita, questiona, assusta, assunta, e coloca-nos a (re) fazer nosso caminho. Na pesquisa que realizamos confrontamos dois processos: ao mesmo tempo em que vamos compreendendo e desviando das rudezas do patriarcado na pesquisa e na educação, vamos inventando um modo avesso que batizamos deliciosamente de Ciranda Lunática, por desfiar encruzilhadas dessa arte/ciência e inventar caminhos próprios e coletivos para esse acontecer.

Decidimos no primeiro encontro, pela criação de um blog (Cirandeiraslunaticas.blogspot.com). Foi, então, um dos artefatos produzidos ao longo da pesquisa, criado por Micinete, vem sendo alimentado por Cirandeiras e colaboradoras.

### **Não é o fim..É aqui que as coisas começam!**

São muitas histórias que compõem a tese. Algumas que as pessoas até davam certeza da verdade delas. Como contadora, sei que histórias contadas guardam os tais instantes secretos daquilo que, todos sabem, não existe. Será? Para quem insiste em perguntar pela verdade, digo:

“Mentiras fluirão de meus lábios, mas talvez possa haver alguma verdade no meio delas; cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena conservar algo dela. Do contrário jogarão tudo na cesta de papel e esquecerão o assunto.” Woolf (1985:09)

As histórias de agora, deste instante secreto, estão aí. Dissemos nossa sabedoria. O caminho de poder. Nessas histórias estão as coisas que nos envolvem. O caminho dos nossos desejos. A nossa força.

Começo essa história com Berenice<sup>3</sup>. Mas, este já não é o começo! Berenice não foi interrompida, sua voz me empurra porta afora, me expõe e diz: vai lá dizer na rua onde tudo começa! E não é aí na morte. A morte é a carta da transformação. A vida é o que se move.

Não te deixe destruir...Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria a tua vida sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça. (Cora Coralina, 2011)

Ecoa o verso da Cora escrito na parede a me dizer que é aqui que as coisas começam. Se é que essas coisas tem começo....Recria a tua vida sempre...Um friozinho percorre a espinha de quem segue. É hora de ir. Respiração profunda. Ouvindo e contando histórias escorro feito água em cachoeira, sigo sem parada. Desviando de pedras, sem me deixar reter e vou sem razão me misturar com outras histórias. A partir daqui, já não é mais minha. É nossa criação coletiva. Como objetos íntimos, as histórias nos embaçam, nos diluem, nos engrossam, nos chapam, nos botam ‘chifre’ da Vaca Larica, nos esquentam no tambor. Tornam-me outra matéria.

Cirandando criamos espaço vincular<sup>4</sup>. Transitamos, intermediamos, transgredimos culturas, fronteiras, transmitimos energia. Malabares, imaginação, símbolos e diabolôs. Sacudimos lembranças, imagens produzidas em outros momentos, reconstruídas. Aqui presentes. Narramos significações imaginárias, construídas no espaço coletivo em que Berenice se fez PRESENTE !

<sup>3</sup> Foi com a poesia Retrato de Cecília Meireles que Berenice iniciou seu memorial como educanda/educadora no PRONERA Sudeste do Pará. No dia 26 de junho de 2005, após muitas ameaças, a educadora Berenice foi assassinada pelas costas, por seu ex-companheiro, com três golpes de machado na cabeça, quando se dirigia a um encontro de educadores/as do PRONERA-EJA, do qual fiz parte como uma das coordenadoras.

<sup>4</sup>O grupo como essa expressão veio do texto “Formação e grupo: indagações sobre questões sensíveis” de Valeska Oliveira (2009).

## Referências:

AGAMBEN, Georgio. Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*, volume I: *fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

BERGUER, Mirela. *Antropologia e Imagem – Breve Introdução*. Capturado de: <http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/antropologiaimagemgeisa2.pdf>. Em: 21.03.2013.

BEZERRA, Natália. *Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade*. FECLSC. <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>. Acessado em 13.03.2013.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.

Ciranda. [www.redecirandaassis.org.br](http://www.redecirandaassis.org.br) > [Rede Ciranda](#). Pt. Wikipédia/wiki/Ciranda#cite\_note-dan.C3.17.a-1. Capturado em 30.06.2013.

CORALINA, C. **Aninha e suas pedras**. Acessado em: [pensador.uol.com.br/frase/NTMyMTg2/11.11.2011](http://pensador.uol.com.br/frase/NTMyMTg2/11.11.2011)

BORBA, Débora. *A mulher diante da realidade colonial e do Patriarcalismo: literatura e representação*. 1º Colóquio Internacional de Estudos linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 –ANAIS -ISSN 2177-6350

Del Priori, Mary. *Histórias das mulheres no Brasil* (Org). 9ª ed. 2 reimpressão. São Paulo. Contexto, 2010.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. *Como salvar a educação (e o sujeito) pela Literatura. Sobre Philippe Meirieu e Jorge Larosa*. Universidade Federal de Pernambuco. Revista brasileira de Educação, s/d. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a06.pdf>.

GAUTHIER, Jacques: *Sociopoética - encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa*. Em LIA Carneiro Silveira; ARISA Nara Saldanha de Almeida; SIMARA Moreira de Macedo; MONYK Neves de Alencar; MICHELL Ângelo Marques Araújo. *A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento*. Revista [Interface - Comunicação, Saúde, Educação](#), vol.12 no.27 Botucatu Oct./Dec. 2008 acessada de: <http://www.scielo.br/scielo>. Em: 21.03.2013.

VALESKA Oliveira. *Formação e grupo: indagações sobre questões sensíveis* IN: PERES, Lúcia Maria Vaz. (Et al). **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**, Projeto Casadinho Oikos Editora - São Leopoldo (Líber Livro Editora, Brasília-DF, 2009).

VIRGINIA Woolf. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

WALTER Benjamim. *Magia e técnica arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo, Brasiliense, 1985.